

ARTE RUPESTRE NO CONCELHO DE AVIS. ANÁLISE PRELIMINAR DA DISTRIBUIÇÃO DAS GRAVURAS RUPESTRES NO CONTEXTO DO POVOAMENTO MEGALÍTICO

Ana Cristina Ribeiro¹

Resumo:

Os trabalhos desenvolvidos desde 2005 vieram confirmar a existência de um conjunto significativo de gravuras rupestres em Avis. As rochas gravadas poderão ser enquadradas na ocupação pré-histórica do concelho, evidente a partir da convergência espacial com os restantes sítios pré-históricos, em particular com as estruturas megalíticas. As ocorrências registadas constituem novos dados e motivações que contribuem para o estudo da arte rupestre na região do Alto Alentejo, auxiliando na compreensão das dinâmicas do povoamento durante a pré-história recente. Apresenta-se uma análise preliminar da distribuição das gravuras rupestres no contexto do povoamento megalítico do concelho de Avis efetuada no âmbito do projeto “Território e espaços de morte na Pré-História Recente. Contributo para uma nova leitura do povoamento megalítico no concelho de Avis - TEMPH”, evidenciando-se a importância da identificação destas realidades, mesmo em zonas consideradas com carência e ausência de informação, assim como as perspectivas para a continuação do seu estudo.

Palavras - chave: Avis; Gravuras Rupestres; Pré-História Recente; Distribuição

Abstract:

The work being developed since 2005, has confirmed the existence of a significant number of engraved rocks in Avis.

The rock engravings can be frameworked into the prehistoric occupation of the municipality, this is evident from the spatial convergence with the other prehistoric sites, in particular with the megalithic structures.

¹ ana.ribeiro@cm-avis.pt

The occurrences registered constitute new data and motivation that will contribute to the study of rock art in the region of Alto Alentejo, aiding in understanding the dynamics of the settlement during the recent prehistory.

Presented here is a preliminary analysis of the distribution of rock art in the context of megalithic settlement of the municipality of Avis. It was carried out under the project “Território e espaços de morte na Pré-História Recente. Contributo para uma nova leitura do povoamento megalítico no concelho de Avis - TEMPH”, showing the importance of the identification of those realities, even in areas regarded as void of information, as well as within the perspective for the continuation of this study.

Key-words: Avis; Rock Art; Recent Prehistory; Distribution

1. Notas prévias

A localização privilegiada de Avis numa zona de transição confere a este território uma riqueza e diversidade naturais que, desde cedo, determinaram a presença de diferentes comunidades humanas. A área em estudo constitui, por isso, uma zona fundamental para a compreensão dos processos de relação inter-regional, sendo essencial compreender qual o seu papel e a sua importância nos eixos de circulação do interior, em particular durante a Pré-História.

Apesar das evidências de uma ocupação recuada (RIBEIRO e SALVADOR, 2013), o facto é que os vestígios mais antigos não se encontram ainda suficientemente documentados. Os indícios da presença humana tornaram-se mais representativos na Pré-História Recente (RIBEIRO, 2015). A distribuição do povoamento, associado em grande parte aos monumentos megalíticos de cariz funerário, é acompanhada por outras formas de ocupação do território, onde se integra a arte rupestre.

Nos diversos trabalhos realizados sobre o concelho de Avis, e em particular sobre o megalitismo, verificou-se não existirem referências a rochas gravadas². Perante esta inexistência, era fundamental compreender se o fenómeno estava efetivamente

² A única referência conhecida corresponde à anta Ordem 5 (CNS 2065), cujo painel é mencionado no levantamento realizado no âmbito do projeto “Megalitismo e Povoamento de Pavia (1993-1997) ”.

ausente da área em estudo ou se nos trabalhos desenvolvidos estas realidades não foram consideradas para efeitos de registo.

Ao longo da última década foram documentadas diversas evidências que refletem a diversidade arqueológica desta região. A “Carta Arqueológica de Avis” (*idem*, 2015, p. 27-28) e mais recentemente o projeto “Território e espaços de morte na Pré-História Recente. Contributo para uma nova leitura do povoamento megalítico no concelho de Avis - TEMPH” (*idem*, no prelo) vieram confirmar a existência de diversas gravuras rupestres, reveladoras de um potencial arqueológico que até então permanecia desconhecido.

As prospeções realizadas permitiram a identificação de um conjunto de rochas com motivos gravados. O registo destas realidades foi efetuado de acordo com a observação direta dos suportes, sem limpeza das superfícies. Os dados reunidos refletem, por isso, as condições de visibilidade e os condicionamentos na recolha de informação relativamente à extensão gravada, número e tipologia dos motivos.

Apesar do carácter preliminar, as ocorrências documentadas permitem orientar novas estratégias de intervenção, de acordo com as especificidades das realidades. Nesse sentido, será facilmente compreensível que os dados agora apresentados poderão ser objeto de atualização em futuros trabalhos orientados para o levantamento e para o estudo de rochas gravadas.

As gravuras identificadas enquadram-se na ocupação pré-histórica do concelho, acompanhando, em parte, a distribuição das estruturas funerárias. Os motivos mais frequentes correspondem a covinhas, embora comece a ser cada vez mais evidente a existência de outros grafismos, num universo que se revela potencialmente diversificado.

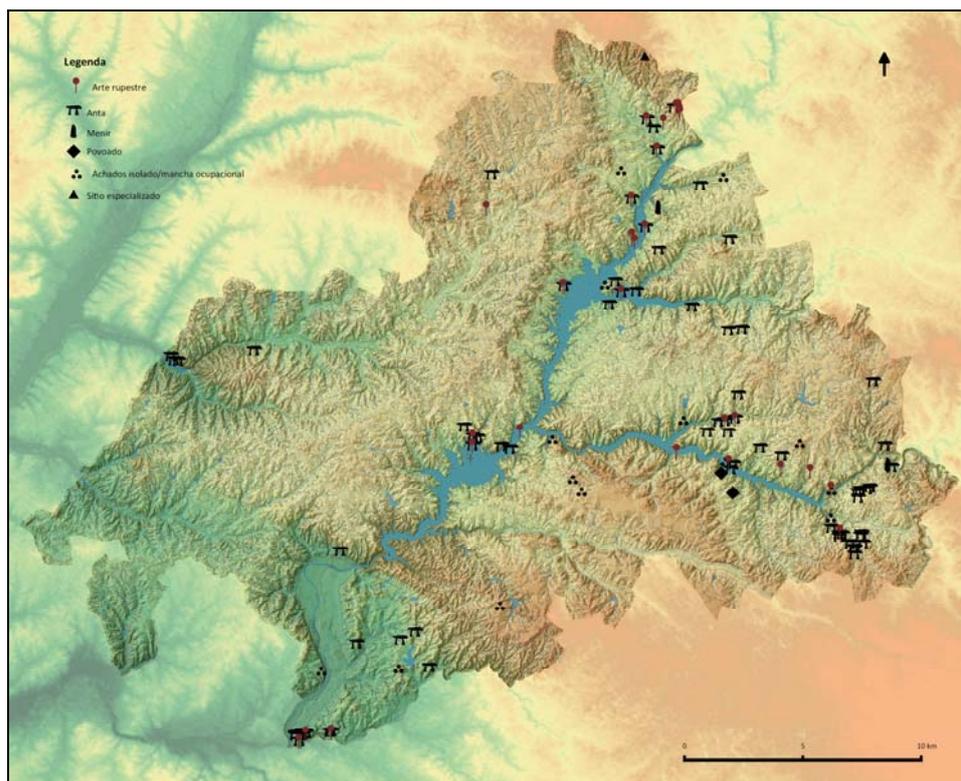


Fig. 1 - Distribuição das rochas gravadas no contexto da ocupação pré-histórica do concelho

Distribuídas pelas principais linhas de água que atravessam o concelho e pelos seus principais afluentes, as rochas gravadas abrem assim uma nova perspetiva sobre a diversidade de formas de ocupação e relação com o território e a paisagem durante a Pré-História Recente. Pelas suas características e tendo em consideração os contextos a que se encontram associados, os motivos identificados refletem um simbolismo multifacetado.

Tendo por base os dados já reunidos, apresenta-se uma síntese interpretativa da arte rupestre no contexto do povoamento megalítico do concelho de Avis.

Quadro 1 – Síntese das rochas gravadas

N.º	Designação	Tipo	Motivo		Suporte	Superfície	Localização	Sítio correlacionável	Contexto Arqueológico
1	Olival da Anta	Painel	Covinha e cruciforme	8+1	Granito	Horizontal	Tampa	Anta Olival da Anta (Torre de Ervedal 3)	Funerário
2	Torre de Ervedal 4	Motivo isolado	Covinha	1	Granito	Horizontal	Tampa	Anta Torre de Ervedal 4	Funerário
3	Coutada	Painel	Covinha e figura compósita	24+1	Granito	Vertical	Monólito no limite da estrutura tumular	Anta Coutada (Vale d'Anta)	Funerário
4	Enxara 1	Motivo isolado	Covinha	1	Granito	Vertical	Esteio	Anta Enxara 1	Funerário

5	Enxara 3	Painel	Covinha	>100	Granito	Horizontal	Tampa	Anta Enxara 3	Funerário
6	Goiã 1	Painel	Covinha	39	Granito	Horizontal	Tampa	Anta Goiã 1	Funerário
7	Cumeada 1	Painel	Covinha	>30	Granito	Horizontal	Tampa	Anta Cumeada 1	Funerário
8	Ordem 1	Motivo isolado	Covinha	1	Granito	Horizontal	Tampa	Anta Ordem 1	Funerário
9	Ordem 5	Painel	Covinha	42	Granito	Horizontal	Tampa	Anta Ordem 5	Funerário
10	Figueirinha 2	Motivo isolado	Covinha	1	Granito	Horizontal	Tampa	Anta Figueirinha 2	Funerário
11	Rui Vaz 2	Painel	Covinha	6	Xisto	Horizontal	Tampa e face exterior de esteio	Anta Rui Vaz 2	Funerário
12	Rui Vaz 3	Painel	Covinha	56	Xisto	Vertical	Esteio	Anta Rui Vaz 3	Funerário
13	Torre de Ervedal 7	Painel	Covinha	3	Granito	Horizontal	Afloramento destacado	Torre de Ervedal 10, Ladeira e Arcias 1 (envolvente)	Habitacional
14	Monte da Horta 1	Painel	Covinha	12+4	Granito	Horizontal	Bloco	Indeterminado	Indeterminado
15	Pedra do Ferro 1	Painel	Covinha	9	Granito	Horizontal	Afloramento	Anta Pedra do Ferro 2 e Necrópole megalítica da Enxara	Funerário
16	Penedo da Moura 3	Motivo isolado	Covinha	1	Granito	Horizontal	Bloco	Anta Penedo da Moura	Funerário
17	Boavista 1	Motivo isolado	Covinha	1	Granito	Horizontal	Afloramento	Boavista 1 (achado isolado)	Habitacional (?)
18	Horta das Rosas	Painel	Covinha	9	Granito	Horizontal	Afloramento	Indeterminado	Indeterminado
19	Enxara 5	Painel	Covinha	10	Granito	Vertical (?)	Bloco	Necrópole megalítica da Enxara	Funerário
20	Montinho 2	Painel	Linhas (?)	-	Xisto	Vertical	Afloramento	Indeterminado	Indeterminado
21	Abessara 1	Painel	Covinha	2	Granito	Vertical	Afloramento	Indeterminado	Indeterminado
22	Cantarinho	Motivo isolado	Covinha	1	Granito (?)	Horizontal	Afloramento	Indeterminado	Indeterminado
23	Pedra do Ferro 3	Painel	Covinha	40	Granito	Horizontal	Afloramento	Anta Pedra do Ferro 2 e Necrópole megalítica da Enxara	Funerário
24	Pedra do Ferro 4	Painel	Covinha	4	Granito	Horizontal	Afloramento	Anta Pedra do Ferro 2 e Necrópole megalítica da Enxara	Funerário
25	Pedra do Ferro 5	Painel	Covinha	3	Granito	Horizontal	Afloramento	Anta Pedra do Ferro 2 e Necrópole megalítica da Enxara	Funerário
26	São Martinho 7	Motivo isolado	Covinha	1	Granito	Horizontal	Afloramento	Antas São Martinho 1 e São Martinho 3	Funerário
27	Abessara 2	Painel	Covinha	12	Granito	Horizontal	Afloramento	Indeterminado	Indeterminado
28	Retorta 1	Painel	Covinha	6	Granito	Horizontal	Tampa	Anta Retorta 1	Funerário

2. A arte rupestre no concelho de Avis: uma breve reflexão

O conjunto de arte rupestre registado para Avis caracteriza-se pela ocorrência de motivos gravados ao ar livre, isolados ou agrupados, tendo como suporte preferencial o granito, embora tenha sido também identificada a utilização de xisto.

A gravação é realizada preferencialmente em superfícies horizontais, verificando-se alguns casos em que os motivos foram gravados em superfícies verticais. As características dos suportes, nomeadamente a dimensão, inclinação, forma, cor e superfícies, terão condicionado a seleção dos suportes e dos motivos gravados.

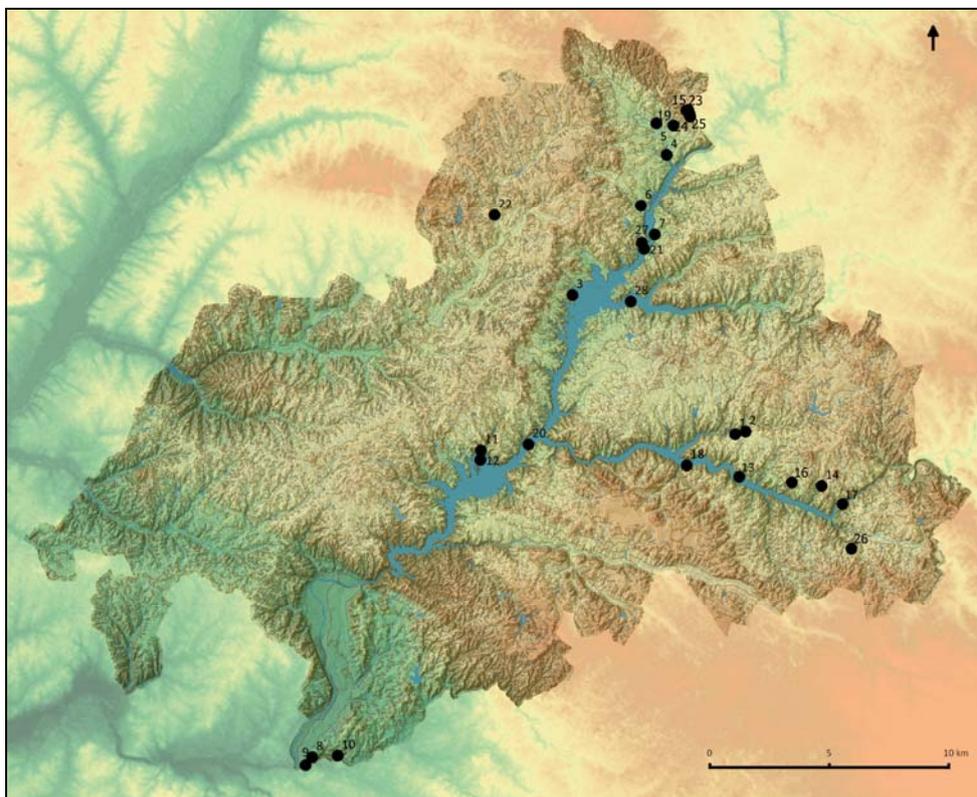


Fig. 2 – Localização das rochas gravadas

As ocorrências registadas correspondem, na sua quase totalidade, a covinhas. De uma forma geral, e tendo em consideração a amostra atualmente disponível, as covinhas surgem distribuídas de acordo com os seguintes contextos:

1) Funerário:

- 1.1. Os motivos surgem associados diretamente aos monumentos megalíticos, encontrando-se geralmente gravados na tampa ou esteios. Neste grupo integram-se as rochas Olival da Anta, Torre de Ervedal 4, Coutada, Enxara 3, Goiã 1, Cumeada1, Ordem 1, Ordem 5, Figueirinha 2, Rui Vaz 2, Retorta 1, associadas às tampas das antas, e Enxara 1, Rui Vaz 2 e Rui Vaz 3, correspondentes a esteios.
- 1.2. Os motivos surgem na envolvente direta a monumentos megalíticos funerários/necrópole, encontrando-se gravados no afloramento ou em blocos,

localizados em pontos estratégicos e/ou destacados na paisagem, como são os casos do núcleo de gravuras da Pedra do Ferro e da rocha São Martinho 7, onde se verificou a utilização do afloramento como suporte das gravuras, ou das rochas Penedo da Moura 3 e Enxara 5, com o aproveitamento de blocos.

2) Não funerário:

Os motivos encontram-se gravados em afloramentos ou blocos localizados em locais estratégicos e/ou destacados na paisagem, nomeadamente próximos de linhas de águas, zonas de passagem ou zonas com visibilidade. No entanto, a integração de algumas das ocorrências registadas tem sido dificultada pela ausência de sítios correlacionáveis, como é o caso das rochas Monte da Horta 1, Horta das Rosas, Montinho 2, Abessara 1, Abessara 2 e Cantarinho. Verificaram-se outras situações em que nas imediações das rochas gravadas, como é o caso da rocha Torre de Ervedal 7, foram identificados vestígios de ocupação pré-histórica, associada a contextos habitacionais (RIBEIRO, 2015, p. 27-28). Até ao momento não foram identificadas covinhas integradas nos perímetros de povoados.



Fig. 3 - Monte da Horta 1

Apesar do claro predomínio de manifestações associadas a contextos funerários, verificou-se, ao longo dos trabalhos, um aumento considerável do número rochas gravadas relacionadas com contextos não funerários.

De um modo geral, as rochas com covinhas apresentam depressões circulares com dimensão variável, com o diâmetro máximo de 50 mm e profundidade máxima de 20 mm, sendo pouco frequentes as covinhas de dimensão superior. Algumas das covinhas registadas evidenciam claros sinais de reavivamento.

As covinhas caracterizam-se pela regularidade da forma, com limites circulares e esfericidade em profundidade, surgindo isolados ou agrupados, tendo-se registado alguns painéis com um número elevado de gravações, como é o caso das rochas Goiã 1, Enxara 3, Cumeada 1, Ordem 5 e Rui Vaz 3, integradas em estruturas funerárias, ou o painel Pedra do Ferro 3, na envolvente a monumentos megalíticos.

Não foram identificadas até ao momento distribuições regulares, embora o painel Pedra do Ferro 3 possa evidenciar um alinhamento em semicírculo, leitura que só poderá ser confirmada após a limpeza e levantamento dos motivos gravados na rocha. O mesmo se verifica com as gravuras da Coutada, onde as covinhas parecem dispostas em alinhamento ao longo do monólito.

Verificou-se a existência de núcleos de gravuras constituídos por mais do que uma rocha gravada: Horta das Rosas, Abessara e Pedra do Ferro, este último abrangendo uma área significativa de distribuição das rochas localizada na cabeceira de uma pequena linha de água subsidiária da ribeira de Seda.

A topografia dos exemplares é variável de acordo com os contextos identificados. As rochas integradas em monumentos megalíticos ocorrem em cotas situadas entre os 85 m, na rocha Ordem 5, e os 149 m, para a rocha do Olival da Anta. No caso das gravuras localizadas na envolvente as estruturas megalíticas, os locais registados situam-se entre os 147 m, no caso da Enxara 5, e os 198 m, correspondente ao núcleo da Pedra do Ferro, o qual apresenta a topografia mais elevada do conjunto reunido.

As gravações associadas a locais de habitat situam-se entre os 129 m, no caso da Torre de Ervedal 7, e os 147 m, associados a Boavista 1. Para os locais indeterminados, a implantação varia entre os 127 m, correspondente à Horta das Rosas, e os 175 m da rocha do Cantarinho.

As covinhas surgem associadas diretamente aos monumentos megalíticos, tornando estas realidades indissociáveis. A ocorrência de gravações integradas sob a estrutura tumular, constitui uma evidência da sua contemporaneidade.

Já para os casos em que as covinhas se encontram na superfície exterior da tampa, coloca-se a possibilidade da gravação ter ocorrido após a desestruturação da mamoa, com o aproveitamento das faces expostas, remetendo, nestes casos, para uma cronologia posterior à construção (e provavelmente utilização) do monumento. Este cenário revela-se, no entanto, pouco credível perante a ausência de evidências de reutilização dos monumentos.



Fig. 4 – Enxara 3

A presença de covinhas nas tampas poderá remeter para uma realidade coeva, à semelhança do que se verifica com as gravuras nos esteios. Nestes casos, as covinhas seriam gravadas numa fase que antecedia o fecho e colmatação da estrutura tumular, podendo ficar total ou parcialmente cobertas, o que permitiria possivelmente a leitura dos painéis, sobretudo dos mais numerosos. A existência de rochas como Goiã 1, Enxara 3, Cumeada 1, Ordem 5 ou Olival da Anta só adquire sentido numa perspetiva de coesão simbólica indissociável do próprio monumento.

Se no caso das rochas associadas a contextos habitacionais, a proximidade foi o fator base para o estabelecimento da relação com as covinhas, já no que diz respeito aos locais sem contexto associado, a integração cronológica torna-se mais complexa, sobretudo quando as covinhas são um tema recorrente em diferentes períodos.

Se a ambiguidade destas representações dificulta a sua integração cronológica, a sua funcionalidade é ainda menos clara. Os dados disponíveis não permitem uma leitura concreta acerca do papel que as covinhas terão desempenhado. No entanto, a sua distribuição encontra-se associada às linhas de água, característica comum aos exemplares registados.

A proximidade aos cursos de água constitui um elemento dominante, facto já verificado no caso das estruturas megalíticas. A água assume, assim, um papel delimitador de territórios, determinando a distribuição das comunidades pré-históricas (RIBEIRO, no prelo). Neste contexto, as rochas gravadas reafirmam essa organização da paisagem, através da apropriação de locais estratégicos relacionados com as principais linhas de água e respetivos afluentes.

A presença da água corrente terá também determinando a localização e disposição dos motivos. As rochas registadas, nomeadamente em contexto não funerário, apresentam as faces gravadas orientadas para montante, verificando-se, alguns casos em que poderiam ficar sazonalmente cobertas.

A implantação dos locais com gravuras terá sido determinada pela presença da água, elemento dominante para o conjunto registado, sendo, em algumas situações, reforçada pela visibilidade topográfica ou estratégica. Nestes casos as rochas gravadas confundem-se com a própria paisagem, o que, provavelmente, limitaria o seu acesso apenas aos que conheciam o trajeto que a elas conduziria.

Independentemente do seu enquadramento, as diferenças registadas ao nível do diâmetro, profundidade, disposição e distribuição das covinhas, constituem indícios, juntamente com a diversidade de contextos a que se encontram associadas, de funcionalidade e simbolismo múltiplos.

A presença de rochas gravadas poderá indicar a simples sinalização de percursos, de zonas de captação de recursos ou territórios, assim como assumir um papel mais complexo na estrutura simbólica e identitária da comunidade.

As rochas gravadas vêm, deste modo, reforçar a apropriação do espaço e a coesão territorial entre áreas de habitat, necrópoles, locais temporários, zonas de captação de recursos e zonas de circulação, permitindo a ampliação de territórios de influência e de circulação. A identificação destas realidades assume, por isso, um papel

essencial para uma melhor compreensão da distribuição das comunidades humanas e dos seus territórios.

Apesar das covinhas constituírem um tema recorrente nas rochas gravadas em Avis, a identificação de outros motivos indicia uma diversidade temática na arte rupestre na área em estudo e que se encontra associada ao megalitismo funerário, como é o caso das rochas Coutada e Olival da Anta, ou a contextos ainda por determinar, associados a locais como a rocha Montinho 2.

No painel Olival da Anta foi identificado um cruciforme em associação às covinhas gravadas na tampa. O motivo localiza-se próximo de uma das extremidades do bloco e surge isolado das restantes gravações, sendo difícil de determinar a sua cronologia e relação com os restantes elementos.

Em 2005 foi identificado um monólito gravado no limite do *tumulus* da anta da Coutada (*idem*, 2008, p. 6). O bloco, situado a cerca de 11m SW da anta, encontrava-se tombado e parcialmente enterrado, apresentando uma orientação aproximada SE (base) – NW (topo), tendo sido identificado, na face exposta, um conjunto de covinhas gravadas no que parecia corresponder a um dos esteios do monumento.

Recentemente trabalhos agrícolas deslocaram o monólito para junto da anta, operação que afetou ligeiramente a sua superfície, mas que colocou a descoberto novos elementos. Confirmou-se que se trata de um bloco de granito de grande dimensão, com três faces, duas de maior largura e uma com largura idêntica à espessura máxima. Mede 410 cm, e aproximadamente 120 cm de largura na base e cerca de 87 cm de espessura máxima. O topo apresenta 55 cm de largura por cerca de 40 cm de espessura.



Fig. 5 e 6 - Coutada

A face gravada encontra-se exposta e evidencia um conjunto de covinhas, mais amplo do que aquele registado em 2005, distribuídas, em aparente alinhamento, desde o topo até à base, verificando-se uma maior concentração na zona central do bloco. Numa leitura preliminar da superfície gravada, foram contabilizadas 24 covinhas, na sua maioria com um diâmetro situado entre 2 e 3 cm, registando-se, próximo da base, 2 exemplares com um diâmetro superior a 3 cm. A face exposta evidencia um pequeno conjunto de linhas cuja origem não foi ainda possível de determinar.

No topo do bloco destaca-se uma figura composta por um círculo e um apêndice. O motivo tem aproximadamente 21 cm de altura total, e 11,5 de largura máxima.

Estes novos elementos possibilitaram rever a classificação do bloco, que corresponderá a um menir decorado que estaria associado à estrutura tumular da anta da Coutada. Atendendo à sua singularidade no contexto da pré-história local, será efetuada uma análise mais detalhada do bloco, promovendo-se, em 2016, o levantamento e estudo no âmbito da segunda campanha do projeto TEMPH.

O sítio Montinho 2 (RIBEIRO, no prelo) corresponde a um afloramento de xisto, localizado na margem esquerda da ribeira de Seda e com uma orientação noroeste/sudeste, que ostenta, em duas zonas distintas, gravações correspondentes a

linhas, algumas das quais cruzadas. As áreas gravadas são paralelas e ocupam as faces verticais da rocha, orientadas para montante, encontrando-se atualmente fraturadas. Permanece por confirmar, com maior rigor, os motivos/padrão gravados, assim como a sua antiguidade. Salienta-se, no entanto, a relativa proximidade às antas Cortesia 1 (*idem*) e Colos 2 (LEISNER e LEISNER, 1959, n.º 8), esta última situada na margem oposta da ribeira.



Fig. 7 - Montinho 2

3. Conclusões preliminares

Os trabalhos desenvolvidos ao longo da última década em Avis evidenciam a relevância arqueológica do território em estudo, pelo que os novos dados assumem um papel significativo no conhecimento da ocupação pré-histórica da região, contribuindo para uma melhor compreensão da distribuição das comunidades e da utilização/organização do território nesse período.

Os dados reunidos resultam do trabalho de investigação promovido pelo Município de Avis, evidenciando não só o potencial arqueológico da área em estudo, mas também a importância do desenvolvimento de uma intervenção continuada e a afirmação da investigação promovida a nível municipal.

A orientação da investigação numa perspetiva de continuidade e o constante aperfeiçoamento das metodologias e leituras aplicadas possibilitou, de forma progressiva, a revisão da informação existente, a ampliação da investigação e a introdução de novos temas de pesquisa, numa permanente atualização da informação que se tem vindo a revelar fundamental na compreensão das dinâmicas associadas ao povoamento durante a pré-história recente.

Bibliografia

CORREIA, Vergílio (1921) - *El Neolítico de Pavía (Alentejo-Portugal)*. Madrid, Museo Nacional de Ciencias Naturales.

LEISNER, Georg e LEISNER, Vera (1959) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel der Westen*, Berlim.

RIBEIRO, Ana (2008) – “Uma primeira leitura da Carta Arqueológica de Avis”, in Revista *Al-madan* adenda electrónica, n.º 16, VII, p. 1-12. Disponível em: http://issuu.com/almadan/docs/almadan_online_16.

RIBEIRO, Ana (2014) - Apontamentos sobre o megalitismo funerário no concelho de Avis. Revista *Al-madan*, adenda electrónica, n.º 18, p. 75-88. Disponível em https://issuu.com/almadan/docs/maqueta18_2_online_completa

RIBEIRO, Ana (2015) - Novos dados sobre o megalitismo funerário do concelho de Avis. *II Congresso Internacional sobre Arqueologia de Transição: O Mundo Funerário*. Évora, CHAIA, Universidade de Évora, 17-33.

RIBEIRO, Ana (no prelo) – Território e espaços de morte na Pré-História Recente. Contributo para uma nova leitura do povoamento megalítico no concelho de Avis. *Actas do VIII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Serpa e Aroche, 24, 25 e 26 de Outubro de 2015.

RIBEIRO, Ana e SALVADOR, Maria Margarida (2013) – A Carta Arqueológica de Avis. Reflexões sobre o Paleolítico. *Arqueologia em Portugal. 150 anos*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 135-139.

ROCHA, Leonor (1999) - *Povoamento Megalítico de Pavia. Contributo para o conhecimento da Pré-história Regional*. Câmara Municipal de Mora.

ROCHA, Leonor (2005) – *As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno*. Évora, CHAIA, Universidade de Évora. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/2237>.

SILVA, Manuel Rodrigues de Matos - *Correspondência a José Leite de Vasconcelos* [manuscritos], Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Legado de José Leite de Vasconcelos, Correspondente JLV 3249/n.º 21253 a 21280.

SILVA, Manuel Rodrigues de Matos (1895) - Notícia das antiguidades prehistóricas do concelho de Avis. Anta Grande da Ordem. *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 1, 120-125.

SILVA, Manuel Rodrigues de Matos (1895a) - Notícia das antiguidades prehistóricas do concelho de Avis. Anta da herdade da Capella. *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 1, 214-216.

VASCONCELOS, José Leite de - *Informações e achados por proveniência – Avis*, Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Legado de José Leite de Vasconcelos, Caixa 6-A/B.

VASCONCELOS, José Leite de (1912) - Pelo Alentejo. Arqueologia e Etnografia. *O Arqueólogo Português*, Lisboa, vol. XVII, p. 284-289.

VASCONCELOS, José Leite de (1912) - Crónicas. Excursão alentejana. *O Arqueólogo Português*, Lisboa, vol. XIX, 386-398.

